

# *A medicina como prática exemplar da transformação do regime de vida em Platão: Carta VII, República e Leis\**

THE MEDICINE AS EXEMPLARY PRACTICE OF THE TRANSFORMATION OF THE REGIMEN OF LIFE IN PLATO: LETTER VII, REPUBLIC AND LAWS

*Alessandro Francisco\*\**

## RESUMO

Este breve artigo busca extrair de excertos platônicos (*Carta VII, República e Leis*) testemunhos que auxiliem na caracterização da medicina (noção e prática) de seu tempo, a partir de pistas oferecidas no curso *Gouvernement de soi et des autres*, proferido por Michel Foucault no *Collège de France*, em 1983.

PALAVRAS-CHAVE: medicina, regime de vida, Platão.

## ABSTRACT

This short article seeks to extract from platonic excerpts (*Letter VII, Republic and Laws*) evidence to assist in the characterization of medicine (notion and practice) of his time, from slopes offered in the *Gouvernement course soi et des autres*, given by Michel Foucault at the *Collège de France* in 1983.

KEYWORDS: medicine, regimen of Life, Plato.

---

\* Este breve estudo é uma versão modificada da conferência O elo entre Medicina e Filosofia em Platão (Carta VII, República e Leis): transformação do regime de vida, apresentada na I Jornada Internacional Filosofia e Medicina 2021, organizada pelo Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP/CNPq, em 29 de maio de 2021.

\*\* Professor de cursos de Pós-Graduação Lato sensu do UNIFAI, São Paulo, São Paulo, Brasil. [alessandro.francisco@professor.unifai.edu.br](mailto:alessandro.francisco@professor.unifai.edu.br)

## **Introdução: pressupostos de método**

Para se fazer a história das práticas, concebidas como modos de agir e de pensar (FOUCAULT, 2001, 1454 [DE 345]), é preciso seguir o rastro daquilo que se pretende estudar como um referencial e não como um objeto (referente) propriamente dito. Isso implica, de partida, dar conta da dispersão entre a prática que um vocábulo nomeia hoje e aquela que outrora nomeou.

Alain de Libera já havia nos advertido sobre a atenção que se deve dedicar à língua filosófica.

Temos problemas com a língua filosófica. O trabalho do filósofo já se inicia com a reflexão sobre a língua dos filósofos. Não [se trata de] praticar, em suma, a mundialização dos conceitos filosóficos usando o inglês *globish*, que faz com que todas as coisas tenham o mesmo nome e sejam todas iguais. E... não são iguais. São coisas diversas.<sup>1</sup>

Em nossa breve reflexão, propomos uma dupla extensão de seu alerta: inicialmente, abarcando não somente a língua filosófica, mas a língua no sentido amplo; em segundo lugar, sugerimos que seu conselho seja acolhido não somente no “trabalho do filósofo”, mas igualmente naquele das demais áreas do conhecimento, sobretudo no labor de uma história crítica do pensamento.

Ensaaiemos um exercício preparatório, antes mesmo de abordar o tema deste estudo. Tomemos a música hoje e na Alta Idade Média, ainda 1 DE LIBERA, *Videocurso L'identità personale nella filosofia medievale* Aula I, 24'50". (<https://www.youtube.com/watch?v=7C8S7z7P-IU&t=4s>), Canale ufficiale di Rosmini Tv - Philosophical , Channel, tradução nossa.

que os argumentos aos quais recorramos possam ser úteis para a compreender a música também na Idade Média Tardia (DIARD, 2002, 956-957). Se escolhermos seguir o rastro histórico do vocábulo latino *musica* – do grego μουσική (*mousiké*) –, encontraremos uma disciplina que, reunida à aritmética, à astronomia e à geometria, compõe o chamado *quadrivium*, ou via quádrupla, grupo das quatro ciências matemáticas. Nesse quadro, geometria e astronomia eram artes da “quantidade contínua ou extensão”, enquanto aritmética e música eram artes da “quantidade discreta ou número”. Assim, a geometria correspondia à teoria do espaço e a astronomia à sua aplicação. Ora, na medida em que a aritmética se concebia teoria do número, a *musica* – por vezes denominada *harmonia* – não era senão a aplicação da aritmética (JOSEPH, 2002, p. 3).

Se escolhermos percorrer a via da prática a que denominamos música atualmente, encontraremos um nome diverso na mesma Idade Média. As composições e suas execuções, com instrumentos e/ou canto, eram, então, designadas pela palavra *cantilena*. Assim, a palavra música, utilizada atualmente para se referir a composições instrumentais ou vocais, não seria aplicável ao mesmo referente noutra época da história de nossa cultura. Aquilo que hoje denominamos música era chamado *cantilena*.

No caso específico deste estudo, a apresentação da medicina por meio de três excertos de Platão (~427 - ~347 AEC) pretende encontrar os traços de uma prática que envolve o bem-estar e o tratamento dos males na chamada Antiguidade Clássica, não sem a cautela acima reclamada.

Desse modo, nessa brevíssima introdução de natureza metodológica, é possível perceber que nosso estudo não é formulado no campo de

uma filosofia que se ocuparia da verdade ou da falsidade de um discurso, ou ainda de sua validade. Trata-se, mormente, de uma investida ou ainda de um experimento no campo da história crítica do pensamento, cujo escopo é o de contribuir o quanto possível para a transformação de nós mesmos.

### **Justificativa dos excertos selecionados**

A motivação para priorizar os três trechos escolhidos provém de pistas oferecidas por Michel Foucault em seu curso *O governo de si e dos outros*, proferido no *Collège de France* em 1983. Nas aulas de 16 e 23 de fevereiro, Foucault promove uma análise do discurso de Platão que busca entender em que medida o discurso filosófico, no campo da política, não era simplesmente *λόγος* (*logos*), mas *ἔργον* (*ergon*), ou seja, realidade (FOUCAULT, 2008, 212). Aqui, permaneceremos restritos à elaboração da aula de 16 de fevereiro, uma vez que Foucault apenas recupera os elementos estudados, na aula subsequente, com objetivo de prosseguir com sua reflexão.

Ao iniciar uma análise da Carta VII<sup>2</sup>, Foucault se encontra diante de uma advertência: “Deve-se dar conselhos apenas àqueles que aceitam segui-los. Senão, é preciso fazer como os médicos, que se evadem quando os clientes e os doentes não querem escutar suas prescrições” (FOUCAULT, 2008, p. 213, tradução nossa).

---

2 330c-331d.

Para não se restringir à aparente “banalidade” (FOUCAULT, 2008, p. 213, tradução nossa) da declaração de Platão – deve-se dar conselhos exclusivamente a quem quiser ouvi-los –, Foucault propõe uma análise dessa remissão à medicina, bastante recorrente nos diálogos platônicos, tomando a *Carta VII* como ponto de partida. Para tanto, sugere que sejam estudados mais dois excertos do mesmo pensador, um do livro IV da *República* e outro do livro IV das *Leis*.

O objetivo de Michel Foucault é, manifestamente, diverso do nosso. Ele visa a entender em que consiste a comparação entre medicina e conselho político, no quadro do discurso filosófico – e mais especificamente do discurso platônico – para então prosseguir com o levantamento das condições necessárias para que um discurso filosófico não seja “simplesmente vã verborragia” (FOUCAULT, 2008, p. 212, tradução nossa), mas realidade, ação, obra, produção (BAILLY, 2000, p. 798-799). Contudo, seguiremos essas pistas, aplicando-nos no estudo dos excertos platônicos citados por Foucault, no intuito de caracterizar o quanto possível a prática médica da Antiguidade Clássica grega característica da passagem do século V ao IV AEC.

Antes de prosseguir, é preciso fazer uma última salvaguarda. A recuperação da prática médica característica da Antiguidade Clássica grega, que pretendemos efetuar, não se alicerça na crença de que esta teria sido a era de ouro merecedora de uma recuperação que visasse ao seu restabelecimento contemporâneo, como se essa fosse uma hipótese plausível. Trata-se, diferentemente, de qualificar o quanto possível uma prática, tal como se apresenta em outro período de nossa história, com objetivo de

atualizar a prática vigente, transformando-a em algo diverso do que é e mesmo daquilo que fora outrora.

### **Caracterização geral da medicina referida por Platão**

Na cronologia da aula proferida por Michel Foucault em 16 de fevereiro de 1983, ele empreende o que chama de caracterização geral da medicina, com base nos textos platônicos, sublinhando que essa mesma qualificação pode ser encontrada, de modo mais geral, nos textos gregos do século IV AEC. Segundo Foucault, são três os modos como a medicina é neles qualificada. Primeiramente, a medicina aparece como uma τέχνη (*tékhne*) – uma arte ou um ofício – simultaneamente de conjuntura e de conjectura. De conjuntura, porque é realizada numa dada ocasião; de conjectura, porque analisa, no doente, sinais para “reconhecer a doença, prever sua evolução e, por consequência, escolher a terapêutica adaptada” (FOUCAULT, 2008, p. 213, tradução nossa). Em segundo lugar, a medicina aparece como uma arte de diálogo e de persuasão, na medida em que o “bom médico é aquele que é capaz de persuadir seu doente” (FOUCAULT, 2008, p. 214, tradução nossa). A terceira e talvez mais interessante peculiaridade da chamada “boa medicina” é que “se encarrega da vida inteira do doente” (FOUCAULT, 2008, p. 214, tradução nossa), isto é, não se restringe a uma doença específica que deve ser tratada. A doença é o mal ou o sofrimento que deve ser amenizado ou, se possível, extinto e cujo tratamento deve permitir acessar a dimensão da vida inteira do dito doente.

Procuremos, a seguir, desdobrar cada uma das menções de Michel Foucault a Platão, ao retomar cada um dos excertos nos diálogos. Reconstituamos o trabalho prévio de Foucault, inflectido em seu discurso, isto é, refaçamos a leitura dos trechos originais de Platão, citados por Foucault, mas, agora, com o intento de extrair ainda mais elementos que nos permitam não somente ratificar os atributos da medicina grega da Antiguidade Clássica, mas também vislumbrar a direção a que apontam.

A princípio, tomemos então a Carta 7. No trecho mencionado por Michel Foucault, Platão declara:

Quando **um médico** [ιατρὸς (*iatros*)] é consultado por um doente cujo mal regime arruinou a saúde, deve, de início, **prescrever um novo regime e, se o doente se submeter a ele, continuar seus cuidados**; mas se o doente se recusar a isso, segundo minha posição, o médico deve, como homem honrado, deixar de vê-lo: se continuasse suas visitas, seria um homem desonesto e ignorante (PLATÃO, 330c-d, tradução e grifo nossos).

Na sequência, ainda na *Carta 7*, afirma Platão:

Conforme esses princípios, quando alguém vem me consultar sobre os assuntos mais importantes da vida, tais como a aquisição das riquezas, os cuidados a oferecer ao corpo ou à alma, **se sua maneira habitual de viver não me parece totalmente errada ou se parece disposto a seguir meus conselhos, ofereço-os a ele de bom coração e não me canso antes de ter concluído o que empreendo**. Mas, se não me solicitam conselhos ou se não estão evidentemente dispostos a seguir aqueles que darei, eu mesmo não os oferecerei, e não os imponho a ninguém, nem mesmo a meu filho (PLATÃO, 331a-b, tradução e grifo nossos).

Se, por um lado, é possível reafirmar dois aspectos da medicina levantados anteriormente com base no argumento de Michel Foucault –

(a) a necessidade de uma disposição do doente para ouvir e para seguir os conselhos oferecidos e (b) a circunscrição de toda a vida da pessoa como domínio ou campo de atuação da medicina –, por outro, conjugando ambos, depreendemos que a medicina – *ιατρειὸν (iatreion)* – não se reduz meramente a um ofício destinado a aconselhar, ao longo de toda a vida, uma pessoa disposta a acolher o que diz o médico, com objetivo de aliviar um mal ou desvencilha-la dele. A medicina requeria o desígnio daquele que sofre de transformar sua *δίαιτα (diaita)*, seu estilo, seu modo, seu gênero ou regime de vida (BAILLY, 2000, p. 471). Trata-se, na medicina, de transformar um conjunto de hábitos.

Dirijamo-nos, de imediato, à próxima referência. No diálogo *República (Πολιτεία)*, de Platão, Sócrates discute com Adimanto acerca de legislar sobre os negócios da ágora. É o próprio Sócrates quem formula a questão, seguida de uma resposta de Adimanto, à qual faz prosseguir sua própria reflexão. É nela que a referência à medicina é evocada e nos auxilia a caracterizar essa prática. Tomemos o texto a partir da resposta de Adimanto:

- Não convém prescrever nada a pessoas honestas; encontrarão por si próprias, sem dificuldade, regulamentos que precisam ser estabelecidos.
- Sim, meu caro amigo, se Deus lhes permite conservar intactas as leis que estabelecemos de início.
- Senão, passarão toda a vida a fazer e a refazer uma multidão de regulamentos semelhantes, imaginando chegar a algo perfeito.
- Isto é, **sua conduta será semelhante àquela dos doentes que não querem absolutamente, por intemperança, renunciar a um estilo de vida que altera sua saúde.**



- Justamente.
- Em verdade, a conduta desses doentes é confortável: todos os remédios que tomam não servem senão a complicar e agravar sua doença. Entretanto, de cada remédio que se lhes aconselha, esperam sempre a saúde.
- Assim são, de fato, os doentes.
- Não é uma coisa aprazível, neles, olhar como um inimigo mortal àquele que lhes diz francamente que, se não cessarem de se entregar aos prazeres da mesa e do amor e à preguiça, nem as poções, nem o emprego do ferro ou do fogo, nem os encantamentos, nem os amuletos de nada lhes servirá?
- Mas não vejo nada de tão agradável em assim se enervar contra aqueles que vos dão bons conselhos (PLATÃO, 425d-426a, tradução e grifo nossos).

Novamente, ao evocar a medicina, Platão remete à necessidade de transformação daquilo que Victor Cousin, por exemplo, traduz por “*train de vie*”, isto é, “estilo de vida” ou “meio de vida”, na medida em que *train* remete a trilho, trem, e advém do latim *tragere* e *trahere*, que dizia, não sem reducionismos, puxar, levar, carregar. Eis-nos, mais uma vez, diante da noção grega δίαίτα.

No diálogo platônico *Leis* (Νόμοι), por seu turno, não é a figura de Sócrates, mas aquela do “ateniense” que dialoga com o cretense Clí-nias. Nele, a fim de reclamar o exemplo do médico para refletir sobre o papel do legislador, novamente a medicina é evocada como um modelo de relação. Diz o excerto:

O ateniense: [...] recordemos uma e outra maneira de tratar os doentes; em seguida, faremos ao legislador a mesma súplica que fariam crianças a um médico, para empregar, em sua cura, os remédios mais brandos. Que quero dizer? Você sabe que há dois tipos de médicos, **os médicos propriamente ditos** e pessoas a serviço deles a quem usualmente se confere também o nome de médicos.

Clínias: Sim.

O ateniense: Mas, sejam livres ou escravos, após as prescrições de seus mestres, é observando-os fazer e experimentando os remédios, que aprendem seu ofício, enquanto **os verdadeiros médicos** aprenderam sua arte graças a um dom natural e que ensinam de igual modo a seus filhos. Você reconhece essas duas espécies de médicos?

Clínias: Sem dúvida.

O ateniense: Os doentes, nas cidades, são livres ou escravos. Ora, você não observa que os escravos se fazem tratar geralmente por escravos, que percorrem a cidade ou que recebem os doentes nas salas de espera de seus mestres? Qualquer que seja a doença de seus clientes, essas espécies de médicos não dão, nem aceitam, qualquer explicação **e, após ter-lhes prescrito o que a rotina lhes sugere, como verdadeiros tiranos, com toda presunção das pessoas hábeis, deixam-nos bruscamente** para ir ver um outro escravo, facilitando, assim, a tarefa de seus mestres nos cuidados que dão a seus doentes. **Ao contrário, o médico de condição livre não trata absolutamente senão homens livres, vigia suas doenças, remonta à sua origem, acompanha o progresso natural, partilha suas observações com o próprio doente e com seus amigos, e, tão cedo percebe algo, instrui o doente como pode e não lhe entrega qualquer prescrição antes de tê-lo persuadido. E, então, sempre apaziguando seu doente pela persuasão, esforça-se para devolver-lhe a saúde.** Qual desses dois métodos, este último ou o outro, é o melhor, seja aplicado por um médico ou por um mestre de ginástica? Qual é o melhor, [o método] daquele que emprega dois meios para chegar a seu objetivo ou daquele que não se serve senão de um, e ainda do menos bom e do mais rude?

Clínias: **Aquele que emprega dois meios [simultaneamente comandar e persuadir] é melhor** (PLATÃO, 720a-e, tradução e grifo nossos).

Nesse trecho, dois são os destaques. Primeiramente, a distinção entre (a) os chamados médicos, que são assim nomeados porque dão assistência aos médicos propriamente ditos e porque realizam, aqui e ali, práticas da chamada medicina, e (b) os “verdadeiros médicos” ou, em traduções mais precisas, no singular “o mais nobre [dos médicos]”, “o mais excelente”, “o mais notável”. Se, por um lado, a distinção se apoia na formação de uns e de outros, por outro, alcança também sua atitude com relação ao doente. Eis, então, nosso segundo destaque: a postura de cada espécie de médico. Aqueles que auxiliam os médicos e acabam por ser assim nomeados não fazem uso do diálogo buscando persuadir – συμπείθειν (*sympeíthein*) – o doente. Já o “verdadeiro” ou “mais notável” médico – πλεῖστος (*pleístos*) –, conduz, ou comanda, e convence pelo diálogo. Desse modo, contraste entre duas espécies de médicos, com distinção da “mais notável” em relação àquela que consiste somente numa nomenclatura, numa designação, e dessemelhança entre as posturas de cada espécie, isto é, preceituar em sentido amplo ou preceituar pelo uso da persuasão. Se se preferir, pelo uso da convicção.

Antes de qualificar a prática médica que, sublinhemos, é exemplar nos diálogos de Platão, recorramos ao verbete “medicina grega” do *Dictionnaire de l’Antiquité* (LECLANT, 2011). O verbete se divide em três partes, uma brevíssima introdução, uma seção de um parágrafo intitulada “de Homero a Hipócrates” e outra mais longa, designada “A medicina na época clássica”, que se subdivide, por sua vez, em quatro seções: a carreira médica, os princípios da medicina hipocrática, a passagem de uma

medicina helenística a Galeno e uma breve análise acerca da medicina após Galeno.

Recordemos que Hipócrates (c. 460- 375/351 AEC) e Platão compartilham do mesmo solo epistêmico, isto é, são testemunhos de uma mesma racionalidade, na medida em que se radicam no mesmo período do desdobramento histórico de uma dada cultura.

Na seção do referido verbete em que se realiza a caracterização da prática terapêutica representativa da medicina hipocrática, lê-se:

A terapêutica consiste, então, em restabelecer o equilíbrio perdido, opondo-se à causa da doença, seguindo o princípio dos contrários, pelo **regime (modo de vida que inclui alimentação, exercícios e banhos)** e pelo recurso aos meios terapêuticos exclusivamente racionais que constituem os laxativos, a sangria e as cauterizações (JOUANNA & MAGDALAINE, 2011, p. 1365, tradução e grifo nossos).

Mais uma vez, a noção de regime se apresenta como eixo da terapêutica, reunindo, conforme o verbete, “alimentação, exercícios e banhos”.

Contudo, a noção *δίαιτα* parece ter um sentido ainda mais ampliado. Consideremos a primeira das doze Odes deixadas por Píndaro (518-c. 438 AEC), conhecidas por *Píticas*. Nelas, pode-se ler:

Seja, portanto, fiel às generosas inspirações de seu coração e, se ama escutar a doce voz da renomada, não se farte em absoluto de espargir abundantes larguezas<sup>3</sup>; saiba, como hábil piloto, estender suas velas aos ventos, caro príncipe, e conserve-se de se deixar seduzir por uma enganosa economia! Os homens

---

3 Generosidades.

morrem; unicamente sua glória lhes sobrevive. E **quando o herói não está mais entre nós, os oradores e poetas revelam o que foi seu estilo de vida** [δίαιταν μανύει] (PINDARE, 1838, p. 203, ref. 182, tradução e grifo nossos).

Há passagens das Histórias – Ἱστορίαι (*Historíai*)<sup>4</sup> –, de Heródoto (485-425 AEC), e mesmo do *Corpus hipocrático*<sup>5</sup>, em que os usos de δίαιτα, do substantivo διαίτησις (*diáitesis*) – também “regime de vida” – e do adjetivo διαιτητικός (*diaitetikós*) – “concernente ao gênero de vida” (BAILLY, 2000, p. 472) – reprovam qualquer simplificação, autorizando-nos a compreender essa noção como “conjunto de cuidados com o corpo e com o espírito” (BAILLY, 2000, 471), onde espírito não tem qualquer conotação religiosa, pois remete à ação do homem, àquilo que o move: em grego, ψυχή (*psykhé*).

## **À guisa de considerações finais**

Isto posto, recuperemos os três elementos que caracterizam a medicina, em Platão, tal como Foucault os mencionou: (1) a medicina é uma prática endereçada àqueles que aspiram seguir os conselhos do médico; (2) é um ofício conjuntural e também conjectural, isto é, faz uso do diálogo e da reflexão, tendo por objetivo convencer – persuadir – aquele que sofre com a finalidade de apartar ou ao menos amenizar o sofrimento; (3) não somente se aplica à doença ou ao sofrimento de modo pontual, mas, por ele, alcança e abarca a dimensão de toda a vida do doente.

---

4 1, 35;1, 157.

5 347, 48; 405, 42.

Portanto, a medicina da Antiguidade Clássica grega, compreendida como prática, e tal como aparece nos excertos dos diálogos platônicos evocados, visa a transformar o gênero de vida da pessoa doente, concebendo-o como conjunto cuidados com o corpo e com o espírito, como uma atenção sobre si.

Vale lembrar ainda que o objetivo de Michel Foucault era compreender como, no campo político, o discurso filosófico platônico não se reduzia a λόγος, mas era também έργον, isto é, ação, realidade. Ora, é a medicina – ou a boa medicina – que aparece, nos fragmentos platônicos escolhidos por Foucault, não somente como um agregado de conhecimentos ou como um conjunto de técnicas. Ela é uma prática (modo de agir e de pensar) e, sublinhamos, modelo exemplar de discurso que é λόγος e έργον, expressão paradigmática da realidade discursiva.

O ponto não explorado por Foucault – pois seu foco de análise, naquele curso, situava-se no campo político, ainda que o tema alcance suas preocupações –, é a caracterização da medicina como condução de conduta, a medicina como relação que se estabelece entre pessoas com a finalidade de transformação de seu modo de vida, de sorte que o discurso do médico se faça realidade na vida do doente, extinguindo ou atenuando seu sofrimento e empenhando-se em impossibilitar o retorno do mal que o aflige por ora.

Nessa relação, ambos são responsáveis: o médico, aquele que cuida, porque atua sobre o mal e porque, pelo discurso, esforça-se por convencer o doente a transformar inteiramente sua vida, seu modo de ser;

o doente, que deve, de sua parte, dispor-se a ouvir e a seguir os conselhos do médico para transformação de seu gênero de vida.

## **Referências Bibliográficas**

ABAILLY, A. Dictionnaire Grec-Français. Le Grand Bailly. Paris: Hachette, 2000.

DIARD, O. Musique. In: GOUVARD, C.; DE LIBERA, A & ZINK, M. (Dir.). Dictionnaire du moyen âge. 2. ed. Paris: PUF, 2004, p. 956-957.

FOUCAULT, M. Foucault. In : FOUCAULT, M. Dits et écrits II, 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001, p. 1450-1455.

\_\_\_\_\_. Le gouvernement de soi et des autres. Cours au Collège de France, 1982-1983. Paris: Gallimard / Seuil, 2008.

JOSEPH, M. The Trivium: The Liberal Arts of Logic, Grammar, and Rhetoric. Understanding the nature and function and language. Philadelphia: Paul Dry Books, 2002.

JOUANNA, J. & MAGDALAINE, C. Médecine grecque. In: LECLANT, J. (Dir.). Dictionnaire de l'Antiquité. 2. ed. Paris: PUF, 2011, p. 1364-1366.

PINDARE. Œuvres de Pindare. Traduites par Jean Aloys Perrault-Maynard. In: MARTIN, L.-A. (Dir.). Les petits poèmes grecques. Paris: Auguste Derez, 1838.

PLATON. Lois. In: PLATON. Œuvres de Platon. Tomme VII. Traduites par Victor Cousin. Paris: Pichon et Didier, 1831.

\_\_\_\_\_. La République. In: PLATON. Œuvres de Platon. Tomme IX. Traduites par Victor Cousin. Paris: Rey et Gravier, 1833.

\_\_\_\_\_. La République. Traduite par Émile Chambry. Paris: Les Belles lettres, 1934.

\_\_\_\_\_. Lettre VII. In: PLATON. Œuvres de Platon. Tomme XIII et dernier. Traduites par Victor Cousin. Paris: P.-J. Rey, 1840.

## **Referências Eletrônicas**

<http://www.perseus.tufts.edu/>

<https://perseus.uchicago.edu/>